

# A caritas de Deus Pai no ensino de Paulo VI e João Paulo II: estudo sistemático-comparado

The caritas of God the Father in the teaching of Paul VI and John Paul II: comparative-systematic study

Marcial Maçaneiro\*

**Resumo:** Neste artigo, o Autor apresenta o magistério de Paulo VI e João Paulo II sobre a *caritas-ágape* de Deus Pai, considerando as afirmações explícitas de ambos sobre o assunto. O recorte temático inclui encíclicas, exortações apostólicas e locuções. Com enfoque sistemático, o Autor examina os enunciados sobre Deus Pai enquanto *amor* e seus aspectos mais pertinentes, nos dois Papas: recepção da Revelação e semântica utilizada, reflexão sobre o *pathos* divino, relação entre misericórdia do Pai e condição humana. A análise qualitativa dos textos permite ordenar os conteúdos do ponto de vista dogmático, bem como estabelecer uma aproximação comparada entre os dois Papas, cujo magistério situa-se no arco cronológico que vai do Concílio Vaticano II ao Grande Jubileu do Ano 2000. Deus Pai desponta como amor fontal da Criação da Aliança, num contínuo diálogo de salvação com a humanidade. Tanto Paulo VI quanto João Paulo II ensinam à luz da Revelação, atentos à definição joanina de Deus como amor de doação e de comunhão (cf.

Jo 3,16). Sob tal luz, os dois Papas oferecem elementos relevantes para a compreensão teológica da primeira Pessoa da Trindade, seja na imanência (aspectos ontológicos), seja na economia (aspectos soteriológicos).

**Palavras-chave:** Deus Pai; Revelação; Amor; Salvação; Magistério pontifício.

**Abstract:** In this paper, Author presents the teaching of Paulo VI and John Paul II on divine *caritas-agape*, considering the explicit affirmation of two Pontiffs on God the Father. The thematic research includes encyclical letters, apostolic exhortations and messages. In a systematic way, Author examines the Popes' affirmation on God as *love* and its most significant aspects: reading and semantic of Revelation, thinking on divine *pathos*, link between God's mercy and human condition. The qualitative analysis of the texts permits Author to explain the contents in a dogmatic perspective, and to achieve a comparative approach of two Popes, whose teachings cover the period from 2 Vatican Council to the 2000 Year Jubilee Celebration. The Popes present God the Father as fount-like love of Creation and Covenant, in a permanent dialogue of salvation with humankind. Both Paulo VI and John Paul II teach in light of biblical Revelation, paying attention to John's definition of God as merciful and giving love (cf. Jn 3,16; 1Jn 4,8). In such light, Paul VI and John Paul II offer some remarkable elements to theological understanding of the first Person of Holy Trinity, in the *immanentia* (ontological aspects) and *oeconomia* (soteriological aspects) as well.

**Keywords:** God the Father; Revelation; Love; Salvation; Pontifical teaching.

## Introdução

Em seu conjunto, o magistério de Paulo VI e de João Paulo II cobrem o arco cronológico de 35 anos aproximadamente, do Concílio

\* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Professor de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: marcialscj@hotmail.com.

Vaticano II ao Grande Jubileu do Ano 2000. De sua sede petrina, ambos participaram intensamente da dinâmica pastoral e teológica da Igreja neste percurso. Distintos no estilo e nos temas tratados, um e outro ecoam o Concílio Vaticano II e nos oferecem farto material de estudo, seja histórico, seja dogmático. Com o reconhecimento de sua exemplaridade teológica (sendo Paulo VI bem-aventurado e João Paulo II canonizado) e as releituras do Concílio, nos pareceu oportuno traçar alguns estudos teológico-comparados desses pontífices, partindo do primeiro artigo da fé: “Creio em Deus Pai todo-poderoso”.<sup>1</sup>

Dentre os enfoques possíveis, tomamos aqui um recorte específico: a *caritas* de Deus Pai (cf. 1Jo 4,8) – ao mesmo tempo atributo e qualidade essencial da primeira Pessoa da Trindade – no ensino de Paulo VI e João Paulo II. Em nosso estudo, consideramos tanto os pronunciamentos maiores (encíclicas e exortações apostólicas), quanto os pronunciamentos menores (alocuções e catequeses), na medida em que se incluem neste recorte. Partimos da leitura qualitativa das fontes, efetuamos uma análise teológica dos enunciados dos dois pontífices, individualizamos os aspectos mais significativos e dispomos as afirmações de modo sistemático-comparado. Embora façamos menção de alguns teólogos, conforme o argumento posto, nossa abordagem prioriza a voz dos autores, citando suas fontes diretas. Com exceção dos *Insegnamenti di Paolo VI*, os demais documentos são indicados pelas siglas convencionais, para agilizar a leitura e a verificação das fontes.<sup>2</sup>

À luz da Revelação bíblica, os dois pontífices explanam o sentido e os alcances da *caritas-ágape* de Deus Pai, seja na comunhão das relações trinitárias, seja na eficácia de Sua ação salvadora. Da

aliança e da misericórdia exercidas ao longo da *historia salutis* se depreende a natureza profunda de Deus como *amor*, do qual o Pai é origem.<sup>3</sup> Assim, o Pai de Jesus Cristo e Pai nosso se perfila como compassivo e amigo da humanidade.<sup>4</sup> João Paulo II dará um novo passo, com sua reflexão sobre o *pathos* divino, ao modo de *dolor Dei* no mistério inefável de Sua caridade<sup>5</sup> – tema raro nas páginas do magistério. Nossa abordagem contemplará esses enunciados dos dois Papas, aproximando-os e ordenando-os sistematicamente. À conclusão, ponderamos os aspectos mais relevantes do tema para a reflexão teológica recente.

## 1. Deus é amor

A paternidade de Deus – além de ser um atributo revelado na criação do mundo e na salvação humana em Cristo (cf. Ef 1,3-14) – nos remete ao amor que O constitui em si mesmo e nas suas relações trinitárias. Como observa Ladaria, a paternidade divina implica “que seja próprio do Pai o amor e a doação originais, aos quais o Filho e o Espírito correspondem, cada um a seu modo”.<sup>6</sup> Como também adverte Harrison, Deus é Pai em sua original e eterna doação, no Logos proferido e no Pneuma espirado:

O Pai gera o Filho e espira o Espírito Santo enchendo-os de tudo aquilo que ele é, dando-lhes toda a sua divindade, a sua glória, o seu poder criador, toda a sua autoridade. Deixa-os agir segundo a sua vontade para criar, manter e aperfeiçoar o universo. Quer que o Filho e o Espírito Santo o apresentem ao mundo, revelando-o.

<sup>1</sup> Denzinger 1 (daqui adiante, DZ).

<sup>2</sup> De Paulo VI: *Ecclesiam suam* (ES), *Evangelii nuntiandi* (EN). De João Paulo II: *Dives in misericordia* (DM), *Redemptor hominis* (RH), *Dominum et vivificantem* (DVi), *Catequeses sobre o Credo* (CC com a data). Outras siglas: *Denzinger Enchiridion Symbolorum* edição italiana de 1995 (DZ), Comissão Teológica Internacional (CTI). As traduções para o português são nossas.

<sup>3</sup> Cf. ES 41; RH 20

<sup>4</sup> Cf. EN 26, DM 2.

<sup>5</sup> DVi 39 usa a expressão latina *dolor Dei*.

<sup>6</sup> LADARIA, Luis F. *El Dios vivo y verdadero*. Salamanca: Ed. Secretariado Trinitario, 1998, p. 311.

O Pai nada retém para si, mas partilha e dá a eles tudo o que possui. A grandeza deles é motivo de sua glória, enquanto Pai.<sup>7</sup>

Neste sentido, Paulo VI fala da “capacidade de doação”<sup>8</sup> típica do amor divino, seguido por João Paulo II que usa a expressão “doação paterna”.<sup>9</sup> De fato, como sugere Paulo VI, Deus se revela como Pai à medida que se dá amorosamente, ao criar, salvar e assumir os seres humanos como filhos e filhas: Ele “se revelou e se deu a nós por adoção”, abrindo nossos olhos à “visão ofuscante e fascinante da paternidade de Deus”.<sup>10</sup> Como diz João Paulo II, “o Pai é a primeira fonte e o doador da vida, desde o princípio”.<sup>11</sup> Sua doação paterna na criação, na redenção e na adoção O define como Amor, no sentido pleno expresso no Novo Testamento: *ágape* (1Jo 4,8) – cuja compreensão se enraíza na *ahabá* do Deus da Aliança (cf. Dt 7,9) com suas manifestações de *hesed* (graça e fidelidade generosa), *rahamim* (amor entranhado) e *hen* (magnanimidade).<sup>12</sup>

Como colhemos da Revelação, o caráter relacional, doativo e gratuito do Pai denota sua natureza profunda e simples: “Deus é amor” (1Jo 4,8). Eis aqui um elemento original e irrenunciável da fé cristã, que os dois Papas tratarão de esclarecer e propor. Paulo VI diz que a paternidade e o amor, em Deus, são verdades conexas: *Deus é Pai e Deus é amor* sintetizam numa “visão complexiva e orgânica”<sup>13</sup> toda a revelação cristã. É, aliás, o que Jesus nos ensina com a prece do Pai-nosso, introduzindo-nos na intimidade d’Aquele “que nos amou primeiro” (1Jo 4,19). O pontífice exclama:

Pai nosso, que estás nos céus! (Mt 6,9). Eis, pois, a grande conquista, cujas dimensões nós jamais conseguiremos explorar suficientemente: Deus é Pai! Este conceito existencial, metafísico, único, original e inefável, é a fonte da nossa religião, a qual reza este princípio: se Deus é Pai, Deus é Amor. Portanto, Ele nos ama. Nossas aspirações mentais, afetivas e espirituais só serão saciadas, quando esta convicção penetrar o nosso espírito: nós somos amados; amados por Deus! Tudo parece bem para nós, se Deus nos ama. E de fato é assim. Eis aqui a solução (potencial, ao menos) para o nosso problema: se Deus me ama, eu não posso deixar de amá-Lo. A caridade de Deus para conosco nos envolve e – em virtude do que sua graça nos possibilita realizar – ressoa forte, sincera, humana e feliz, na resposta que a Ele damos: sim, ó Senhor, eu também, Tu bem o sabes, eu também Te amo! Todo o resto, virá por si mesmo.<sup>14</sup>

Donde Paulo VI conclui: na fé em Deus-Amor está “toda a teologia da salvação, o mais profundo mergulho que nossa introspecção pode fazer no coração mesmo de Deus”.<sup>15</sup>

De modo semelhante, João Paulo II insiste na verdade sobre *Deus Caritas* à luz das Escrituras, partilhando com Pfammatter a teologia bíblica pós-conciliar: “Deus é *ágape* significa que Deus é, por sua natureza, amor que se abaixa, que se volta aos homens, que os redime e, assim, os conduz à sua própria autenticidade”.<sup>16</sup> João Paulo II segue esta mesma leitura joanina ao afirmar o sentido relacional e oblativo da *caritas Dei*: “Este amor é capaz de debruçar-se sobre todos os filhos pródigos, sobre qualquer miséria humana e, especialmente, sobre toda miséria moral, sobre o pecado”.<sup>17</sup> Ademais, esta manifestação de Deus na *oeconomia* nos permite vislumbrar o amor de doação que o constitui na *immanentia*: “o Deus uno e trino,

<sup>7</sup> HARRISON, N.V. Un approccio ortodosso al mistero della Trinità. In *Concilium* n. 1, 2001, p. 83.

<sup>8</sup> EN 28.

<sup>9</sup> RH 20.

<sup>10</sup> PAOLO VI, 1974, p. 13.

<sup>11</sup> RH 20.

<sup>12</sup> Cf. DM 4, nota 52.

<sup>13</sup> PAOLO VI, 1975, p. 890.

<sup>14</sup> PAOLO VI, 1975, p. 1233.

<sup>15</sup> PAOLO VI, 1977, p. 161.

<sup>16</sup> PFAMMATTER, J. Propiedades y formas de actuación de Dios en el NT. In FEINER, J.; LÖHRER, M. *Mysterium salutis II*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1977, p. 244.

<sup>17</sup> DM 6.

que existe em si mesmo como realidade transcendente de Dom inter-pessoal”.<sup>18</sup> Partindo desta constatação, João Paulo II concebe a salvação como o *se donare* gratuito e comunal do Pai:<sup>19</sup> perceptível na obra da criação, na aliança com Israel e, mais ainda, na kênosis de seu Filho “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).<sup>20</sup>

## 2. A semântica do amor divino

Na encíclica *Dives in misericordia*, João Paulo II perscruta as Escrituras e seleciona os termos hebraicos e seus correlatos gregos que designam o amor de Deus.<sup>21</sup> Aplicamos este procedimento ao magistério estudado, selecionando os termos e expressões que, nos dois Papas, formam a semântica do amor do Pai. Para sermos didáticos, dispomos cada expressão e sua fonte em tabela:

### a) Em Paulo VI

Expressão	Fonte
- graça	ES 7
- misericórdia	ES 15
- graça e misericórdia	ES 27
- amor / dileção	ES 32
- caridade	ES n. 32, também: <i>Messaggio per la quarta Giornata Mondiale della Pace</i> , 1970, p. 1432, e <i>La rivelazione dell'amore di Dio...</i> , 1975, p. 892.
- caridade e bondade divinas	ES 36 e 42

<sup>18</sup> DVi 59.

<sup>19</sup> DVi 11 usa expressão latina *se donare*; a reflexão se estende até o parágrafo 14.

<sup>20</sup> Citado em RH 1.

<sup>21</sup> Cf. DM 4, nota 52.

- amor para conosco	EN 28
- capacidade de doação e de perdão	EN 28
- paternidade, providência, presença amorosa e constante	EN 48
- amor e paternidade de Deus	PAOLO VI. <i>Radiomessaggio per la Giornata Missionaria</i> , 1966, p. 481.
- amor paterno de Deus	PAOLO VI. <i>Radiomessaggio per la Giornata Missionari</i> , 1966, p. 483.
- amor infinito	PAOLO VI. <i>Radiomessaggio per la Giornata Missionaria</i> , 1966, p. 484.
- graça da paternidade divina	PAOLO VI. <i>Gli insegnamenti del ciclo liturgico</i> , 1967, p. 686.
- paternidade transcendente, transbordante de metafísico amor e sobrenatural caridade	PAOLO VI. <i>Messaggio per la quarta Giornata Mondiale della Pace</i> , 1970, p.1432.
- caridade de Deus (que) nos envolve	PAOLO VI. <i>Ricerca amorosa di Dio...</i> , 1975, p. 1233
- princípio vivente e amoroso de nosso ser	PAOLO VI: <i>La preghiera del Signore...</i> , 1976, p. 510.
- amor de Deus pela humanidade	PAOLO VI. <i>Amare il mondo come c'insegna il Vangelo</i> , 1977, p. 161.
- amor pelo mundo, pelo ser humano, por suas condições de dignidade e de miséria	PAOLO VI. <i>Amare il mondo come c'insegna il Vangelo</i> , 1977, p. 161.
- amor que Deus nos ensinou, ele próprio, amando-nos em primeiro lugar	PAOLO VI. <i>Amare il mondo come c'insegna il Vangelo</i> , 1977, p. 161.

### b) Em João Paulo II

Expressão	Fonte
- eterno amor e misericórdia	RH 1
- amor sempre pronto a perdoar	RH 8
- paternidade	RH 9

- eterna paternidade de Deus	RH 9
- amor eterno do Pai	RH 9 e 22
- amor sempre pronto a ir ao encontro do filho pródigo	RH 18
- doação paterna	RH 20
- benignidade	DM 1
- ternura / amor generoso	DM 4
- especial potência no amor	DM 4
- ternura, piedade, benevolência, compaixão	DM 4 (nota 52) e DM 6
- amor do Pai	DM 5
- fidelidade	DM 6 e 7
- fidelidade do Pai	DM 6
- plena afeição	DM 6
- profundo afeto	DM 6
- generosidade / magnanimidade	DM 6
- amor para com o filho	DM 6
- amor que brota da própria essência da paternidade	DM 6
- solicitude	DM 6
- alegria	DM 6
- caridade paciente e benigna, que tudo espera, tudo suporta	DM 6, conjugando o conceito hebraico <i>hesed</i> com a <i>ágape</i> neo-testamentária
- amor que o Pai nutre para com ele (Jesus) e, nele, para com todos os homens	DM 8
- amor do Pai, que é mais forte do que a morte	DM 8
- amor misericordioso para com os pobres, os que sofrem, os prisioneiros, os cegos, os oprimidos, os pecadores	DM 8
- prontidão do Pai em acolher os filhos pródigos que voltam à sua casa	DM 13
- amor paciente e benigno, como o é o Criador e Pai	DM 13
- amor misericordioso do Pai	DM 13

- permuta de amor recíproco	DVi 10
- doação da existência [...] e da graça	DVi 10
- doação salvífica de Deus	DVi 12
- generosa dádiva da graça e do amor	DVi 31
- onipotência amorosa	DVi 33
- comunhão	DVi 34
- onipotência que é amor	DVi 37
- amor salvífico	DVi 39
- Amor criador e salvífico	DVi 39
- amor de Pai	DVi 39
- compaixão pelo ser humano	DVi 39
- amor salvífico, que sabe sofrer	DVi 45
- dom, graça infinita, princípio da vida	DVi 54

### c) Principais expressões

Esta seleção converge em seis termos principais, que resumem em si os vários matizes do amor de Deus mencionados acima:

- caridade (caritas / amor)<sup>22</sup>
- filantropia (philanthropia)<sup>23</sup>
- misericórdia (misericordia)<sup>24</sup>
- doação (donatio / se donare)<sup>25</sup>
- comunicação (communicatio / colloquium)<sup>26</sup>
- oblação (oblatio)<sup>27</sup>

Tendo localizado tais expressões em Paulo VI e João Paulo II, nos perguntamos: Não emerge desta semântica uma sugestiva *theologia*

<sup>22</sup> ES 32, 36 e 42; DM 6.

<sup>23</sup> DM 2.

<sup>24</sup> ES15 e 27; DM 4.

<sup>25</sup> EN 28 e DVi 11-14.

<sup>26</sup> ES 42 e DVi 23.

<sup>27</sup> DVi 31 e 40.

*amoris*? Que indicações nos vêm dos dois pontífices, para o discurso teológico a respeito do amor salvífico do Pai?

Sem a pretensão de compor uma reflexão exaustiva, partilhemos algumas percepções convenientes a estas páginas. Antes de tudo, as palavras elencadas se situam no horizonte soteriológico, com conexões em dois níveis: ligam-se umas às outras, entre si; e ligam-se igualmente à *ágape-caritas* neo-testamentária. De fato, todo o conjunto conduz à *ágape* divina, como ramos que indicam a raiz comum: *ágape* que é o título joanino da caridade divina e que, como tal, é qualidade essencial do Deus unitrino.

A este propósito, porém, é interessante observar que, embora muitas dessas expressões descrevam o amor da Una Trindade (podendo ser aplicadas ora ao Verbo, ora ao Pneuma) os dois Papas as empregam prioritariamente para designar o amor eterno, pessoal e salvífico do Pai. Mais: dos textos analisados sobressai o binômio *caritas-ágape*, vinculado por sua vez ao binômio *oblato-kênosis*. Estes binômios costumam, por assim dizer, a longa lista de termos, agrupando caridade, filantropia, misericórdia, comunicação, doação e oblação numa mesma esfera hermenêutica e teológica: o conceito de amor presente no Novo Testamento (aplicado neste caso à pessoa do Pai).

Assim, Paulo VI e João Paulo II não só reafirmam a revelação neo-testamentária do amor divino, mas insistem no seu caráter oblato e comunal: é amor que se aproxima e se oferece, abraçando a criatura humana em sua completeza, da dimensão espiritual-metafísica à dimensão histórico-existencial.<sup>28</sup> O *amor Dei Patris* não é uma *potentia* distante e auto-centrada, nem tampouco uma qualidade divina entre outras. Mais que isso, é a qualidade essencial de Deus: ele mesmo é “amor criador e salvífico”,<sup>29</sup> amor “capaz

de doação”,<sup>30</sup> disposto ao “diálogo de salvação”.<sup>31</sup> Ao mesmo tempo inefável e manifesto, eterno e presente no tempo dos homens, este amor se mostra na *autocomunicação* e no *dom de si* do próprio Deus.<sup>32</sup> Amor refletido no Universo, visível na Encarnação e consumado na Páscoa do Messias.

Graças à *caritas Dei*, a humanidade pode experimentar em seu peregrinar histórico a regeneração e a reconciliação com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo: “Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo” (2Cor 5,19). Eis a divina *philanthropia* (Tt 3,4) que vence o pecado e transfigura a história humana em história de salvação. Como nos adverte Paulo VI, o segredo e o vigor da fé cristã estão em professar o admirável “encontro do Deus-Amor com o homem necessitado de salvação”.<sup>33</sup>

### 3. Paternidade divina e condição humana

Seguindo esta perspectiva bíblico-salvífica, os dois Papas contemplam o Deus-Amor e se voltam, então, à condição humana. Em face dos dramas e reveses humanos, Paulo VI lembra que a caridade nos é dada como *dom* e exigida como *prática*:

Isto vale dizer tanto da caridade para com Deus, que o seu Amor derramou sobre nós, como da caridade que – por reflexo – devemos efundir sobre o nosso próximo, isto é, sobre todo o gênero humano. A caridade tudo explica, tudo inspira, tudo torna possível e tudo renova. A caridade “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,7).<sup>34</sup>

<sup>28</sup> EN 28. Na mesma linha, Paulo VI diz: “[Deus] reservou tal palavra, em sua acepção mais alta e absoluta, para definir-se a Si próprio: *Deus caritas est*, Deus é amor” (PAOLO VI, 1967, p. 964).

<sup>31</sup> ES 42 e DVi 34: nos dois pontífices.

<sup>32</sup> Cf. DVi 23.

<sup>33</sup> PAOLO VI, 1967, p. 686.

<sup>34</sup> ES 32.

<sup>28</sup> Cf. PAOLO VI, 1975, p. 1233; DM 1: nos dois pontífices.

<sup>29</sup> DVi 39.

Na caridade se enraíza o empenho histórico dos cristãos, a defesa do bem comum, a opção pelos pobres, o apostolado social e o anúncio da salvação libertadora, segundo o Reino de Deus.<sup>35</sup>

João Paulo II renova estes compromissos, insistindo na promoção dos direitos humanos e na opção evangélica pelos pobres e sofredores.<sup>36</sup> Depois, buscando no mistério de nossa criação a vocação humana ao amor, faz uma afirmação antropológica: define o ser humano como ser-de-doação, que se realiza pelo “dom sincero de si”, abrindo-se “à integração e à comunhão com os outros”.<sup>37</sup> Para isto fomos criados à semelhança de Deus Trino, que se dá eternamente na relação interpessoal que une Pai, Filho e Espírito Santo;<sup>38</sup> e se dá também a nós na sua presença salvífica e comunal.<sup>39</sup> Confirmasse, assim, o caráter oblativo do amor, seja do ser humano (criado à semelhança de Deus), seja do próprio Deus (origem incriada da semelhança).

Para ambos os Papas, da caridade divina nasce o movimento de amor redentor que, transbordando de sua eterna fonte, se derrama copiosamente sobre a família humana e toda a criação. Este é o único amor capaz de renovar todas as coisas, superar o pecado e elevar a pessoa humana à liberdade dos filhos de Deus (cf. Ap 21,5; Rm 8,21). Este é o amor que anunciamos em palavra e testemunhamos em gesto, segundo o Evangelho da misericórdia do Pai recebido do Senhor, como diz João Paulo II:

Mediante fatos e palavras, Cristo torna o Pai presente entre os homens. É muito significativo que estes homens sejam sobretudo os pobres, os carentes de meios de subsistência, aqueles que estão privados da liberdade, os cegos que não vêem a beleza da criação, aqueles que vivem com amargura no coração, que sofrem por cau-

<sup>35</sup> Cf. ES 67 e EN 8-12.

<sup>36</sup> Cf. RH 17, DM 14, RM 60.

<sup>37</sup> DVi 59.

<sup>38</sup> Argumentos de DVi 59.

<sup>39</sup> Cf. RH 8-10, DM 4, DVi 11, 22, 23.

sa da injustiça social e, por fim, os pecadores. Em relação a estes últimos, de modo especial, o Messias torna-se um sinal do Pai.<sup>40</sup>

Se praticarmos o amor a exemplo de Cristo, “do mesmo modo que os homens de então, também os homens do nosso tempo podem ver o Pai, neste sinal visível”.<sup>41</sup> Afinal, interroga-se Paulo VI: “Quem dentre nós ignora tais coisas? E se as conhecemos, não é esta a hora da caridade?”<sup>42</sup>

#### 4. A misericórdia divina

Das grandes linhas desta *theologia amoris* os dois Papas destacam a “misericórdia” e suas manifestações de “graça” e “perdão”,<sup>43</sup> de “ternura”, “piedade”, “benevolência” e “compaixão”,<sup>44</sup> dádiva generosa “da graça e do amor” divinos.<sup>45</sup> Nessas manifestações se revela “o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação” (2Cor 1,3).<sup>46</sup> É em virtude da própria *paternidade* que o Deus de Jesus Cristo se caracteriza pela solícitude e misericórdia em favor da humanidade, a começar dos últimos e excluídos.<sup>47</sup> Como esclarece João Paulo II, a onipotência de Deus é uma “onipotência amorosa”; e Sua transcendência é uma “transcendência aberta”<sup>48</sup> à comunhão com as criaturas. Ele mesmo nos criou e recriou em Cristo “para a plenitude da graça e da verdade”.<sup>49</sup>

<sup>40</sup> DM 3.

<sup>41</sup> Ainda DM 3.

<sup>42</sup> ES 32.

<sup>43</sup> ES 15, 27 e 28.

<sup>44</sup> DM 4, com expressões da nota 52.

<sup>45</sup> DVi 31.

<sup>46</sup> Citado em DM 1.

<sup>47</sup> Cf. DM 6.

<sup>48</sup> DVi 33 e 34, respectivamente.

<sup>49</sup> RH 18.

No diálogo de salvação travado com a humanidade o Altíssimo se manifesta progressivamente como “Deus da Criação”,<sup>50</sup> “Deus da Aliança”,<sup>51</sup> “Deus das Promessas”,<sup>52</sup> “Deus da Redenção”,<sup>53</sup> “Deus vivo”,<sup>54</sup> “Deus dos vivos”,<sup>55</sup> “Deus das misericórdias”<sup>56</sup> e finalmente, “Deus Pai”.<sup>57</sup> Pai que se aproxima, fala aos seres humanos como a amigos, revela o seu Nome e lhes propõe um pacto de amor.<sup>58</sup> Com razão, é invocado como *philanthropos Theós*: Deus amigo dos homens (cf. Tt 3,4).<sup>59</sup> E para nos assegurar a plenitude de seus dons, “o Pai envia o Espírito com o poder da sua paternidade, como enviou o Filho”.<sup>60</sup> Este Paráclito nos infunde o dom da filiação divina, gerando em nós a vida nova dos filhos de Deus: “Recebestes um Espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos *Abbá*, Pai! O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus” (Rm 8,15b-16).<sup>61</sup>

## 5. Compaixão e “pathos” em Deus

A misericórdia, Deus a realiza com infinita compaixão. Paulo VI o confirma quando trata da *caritas* paterna de Deus, de sua “bondade” e amorosa “doação”.<sup>62</sup> Entretanto, mantendo-se dentro dos parâmetros da escolástica, em nenhum momento ele fala do

*pathos* divino em termos de *passio* ou *dolor*, exceto quando se refere à cruz de Cristo.<sup>63</sup>

Por sua vez, João Paulo II dá um passo bastante original nos quadros do magistério, quando fala da compaixão de Deus com realismo e impacto, apresentando-a com a linguagem analógica da dor: não só a dor humanamente provada por Jesus (*sacrificium Filii*), mas também aquela “dor inefável”<sup>64</sup> que comove o coração do Pai, quando Ele considera o mal, o pecado e a infelicidade das criaturas, especialmente das pessoas humanas, seus filhos e filhas por adoção: *inscrutabilis dolor Patris*.<sup>65</sup> Esta reflexão se anuncia já nos inícios de seu magistério, quando o Papa afirma que Deus mostra “seu eterno amor e a sua misericórdia com toda a liberdade divina”.<sup>66</sup> Amor e misericórdia que, ao longo da História da Salvação, nos revelam um Deus próximo e compassivo, que escuta e liberta o seu povo. Assim, a misericórdia é definida como o amor divino *in actu salvationis*<sup>67</sup> e implica, em Deus, verdadeira compaixão.

João Paulo II pondera que, embora não haja alguma carência em Deus Pai – sendo pleno, perfeito e imutável em sua natureza íntima – trata-se de um Deus-Amor, que se realiza e age como tal, sobretudo na relação com as criaturas.<sup>68</sup> Em outras palavras, sua constância e imutabilidade ontológica não quer dizer *indiferença*:

Absolutamente livre e soberano na obra da Criação, Deus permanece fundamentalmente independente do universo criado. Mas isto, de modo algum, significa que ele fique indiferente em relação às criaturas. Pelo contrário: ele as guia com eterna sabedoria, amor e providência.<sup>69</sup>

<sup>50</sup> RH 9.

<sup>51</sup> DM 7.

<sup>52</sup> EN 6.

<sup>53</sup> RH 9.

<sup>54</sup> ES 9 e RH 9: nos dois pontífices.

<sup>55</sup> DM 8.

<sup>56</sup> DM 4.

<sup>57</sup> ES 26, EN 26, DVi 54, RH 4-7, DM 1-3: nos dois pontífices.

<sup>58</sup> DVi 34.

<sup>59</sup> A divina *philanthropia* de Tito 3,4 é citada em DM 2. O tema de *Deus amigo dos homens* volta na carta *Oriente lumen* 14, em que João Paulo II trata da teologia cristã oriental.

<sup>60</sup> DVi 8.

<sup>61</sup> Verso de Romanos em EN 75 e DVi 52: nos dois pontífices.

<sup>62</sup> EN 28.

<sup>63</sup> Cf. EN 2. Paulo VI volta ao tema em *Mysterium fidei* 34-38.

<sup>64</sup> DVi 39.

<sup>65</sup> Expressão latina em DVi 39.

<sup>66</sup> RH 1.

<sup>67</sup> DM 4.

<sup>68</sup> Cf. DVi 39.

<sup>69</sup> CC 18.09.1985, n. 5.

Donde a conseqüente afirmação:

Nas profundezas de Deus há um amor de Pai que, diante do pecado do homem, reage – segundo a linguagem bíblica – até o ponto de dizer: estou arrependido de ter criado o homem. “O Senhor viu que a maldade dos homens era grande sobre a terra... E o Senhor disse: Estou arrependido de os ter feito” (Gn 6,5-7). Mas o Livro Sagrado, mais freqüentemente, nos fala de um Pai que experimenta compaixão pelo ser humano, como que compartilhando a sua dor. Esta imperscrutável e indizível *dor* de Pai, em definitivo, gerará sobretudo a admirável economia do amor redentor em Jesus Cristo, para que – através do *mysterium pietatis* – o amor possa revelar-se, na história humana, mais forte que o pecado.<sup>70</sup>

Sem prolongar exaustivamente a questão,<sup>71</sup> o propósito de Wojtyła é confirmar, à luz da Bíblia, o realismo salvífico do amor do Pai. Assim, o Papa conjuga *imutabilidade* e *liberdade* divinas, respeitando a inefável conciliação destes atributos no Deus Revelado, “cuja transcendência é sobretudo uma transcendência segundo o amor, e não simplesmente segundo o ser” – como adverte Geffré.<sup>72</sup>

Apesar das linhas breves, este ensino de João Paulo II toca um ponto candente da teologia contemporânea, ao considerar um aspecto da misericórdia divina pouco explorado pelo pensamento tomista. Este, segue tradicionalmente a afirmação aristotélica da impassibilidade divina, dizendo que a alegria, dor ou compaixão em Deus acontecem *secundum effectum, sed non secundum passionis*

*affectum* – no dizer de Tomás de Aquino.<sup>73</sup> Fica claro que João Paulo II prefere a analogia da linguagem bíblica à argumentação estrita da escolástica. Pois ele se move num outro terreno, escolhido como prioritário: aquele da Revelação, cujas Escrituras admitem *affecti* em Deus, delineando o divino *pathos* que – distinto de qualquer diminuição ou progressão em comparação aos humanos – manifesta livremente sua alegria ou comisseração (cf. Ex 3,7-10; Os 11; Lc 15,7.20; Jo 3,16). Sobre isto, diz Kasper:

A autoalienação de Deus, a sua impotência ou sofrimento não exprimem – como acontece, ao invés, nos seres finitos – uma carência e um destino inevitável. Se Deus sofre, ele sofre de modo divino, isto é, seu sofrimento é expressão de sua liberdade. Deus não é ferido pelo sofrimento, mas se deixa tocar por ele em sua absoluta liberdade. Ele, portanto, não sofre como sofrem as criaturas – por falta de ser – mas sim por amor e precisamente no *seu* amor, que é a plenitude do seu Ser.<sup>74</sup>

## Considerações finais

No pensamento de Paulo VI e João Paulo II a afirmação de Deus como amor (*caritas-ágape*) constitui o que podemos qualificar como teologia radical: uma elaboração conceitual complexa, não simplesmente especulativa, diretamente enraizada na Revelação do Deus da Aliança – Pai de Jesus Cristo e Pai nosso – compreendido como *arché* (princípio) da criação e da salvação consumadas no mistério pascal. Daí as conexões da paternidade de Deus com a condição humana, assumida pelo Filho em sua encarnação e regenerada pela misericórdia divina.

O encontro entre paternidade de Deus e humanidade se concentra no mistério do Verbo encarnado, o Filho humano-divino de Deus,

<sup>70</sup> DVi 39.

<sup>71</sup> João Paulo II fala ainda do *dolor* que ecoa misteriosamente *intra cor ipsum Trinitatis ineffabilis* (DVi 39). Depois termina sobriamente a questão. Não detalha o uso de categorias conexas a este discurso, como a *kênosis*, nem responde aos problemas que o *dolor Dei* propõe à teodiceia (cf. KREINER, 2000, p. 144-165).

<sup>72</sup> GEFFRÉ, C. Il Dio Uno dell'Islam e il monoteismo trinitario. In *Concilium* n. 1, 2001, p. 116-126. Esta observação empresta os termos da ontologia filosófica. Pois se levarmos a sério o substrato judaico da definição joanina “Deus é amor” (1Jo 4,8), concluiremos que, neste caso, *ser* e *amor* coincidem na concepção cristã de Deus, que é uno, eterno e simples enquanto *ágape*.

<sup>73</sup> TOMMASO D'AQUINO. *Summa theologiae* I, q. 21, a. 3.

<sup>74</sup> KASPER, W. *Il Dio di Gesù Cristo*. Brescia: Queriniana, 1997 1997, p. 254-265

numa compreensão inclusiva que abarca a todos os seres humanos, destinados a serem filhos no Filho. Esta compreensão é coerente com a universalidade do plano salvífico que, por sua vez, promana da universal paternidade de Deus – esboçada na criação, manifesta na adoção de Israel mediante a primeira Aliança e consumada, enfim, na filiação universal dos homens em Cristo, pelo Espírito de Pentecostes. De tal modo, que o protagonismo trinitário na *historia salutis* resulta numa só salvação (e não em três salvagens) decretada pelo Pai, cumprida pelo Filho e continuamente comunicada pelo Espírito Santo. É neste quadro soteriológico trinitário que Deus se mostra e se comporta como “Pai das misericórdias e Deus de toda consolação” (2Cor 1,3): a compaixão entranhada (*oiktirmon/misericordiarum*) nos remete ao Filho Jesus; e a consolação (*parakléseos/consolationis*) denota o Paráclito<sup>75</sup> – ambos realizam o *dar-se* salvífico e amoroso do Pai.<sup>76</sup>

Sob esta luz bíblica, Paulo VI reafirma a paternidade de Deus como verdade originária da fé cristã: “conceito existencial, metafísico, único, original e inefável, fonte de nossa religião”.<sup>77</sup> A fé em Deus Pai não é um produto do cristianismo, resultado de interpretações e metáforas de antecedentes judaicos; mas o cristianismo, sim, nasce e frutifica da fonte originária da *caritas Dei*: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).<sup>78</sup>

João Paulo II dá um passo além, ao propor o *dolor Dei* ao modo de efetiva compaixão divina, que – embora não signifique infelicidade em Deus (*affecti*) – implica verdadeiros efeitos de amor (*effecti*) no coração do Pai.<sup>79</sup> Superando uma abordagem estritamente aristotélica, Papa Wojtyła professa a inefabilidade do amor divino, capaz

de verdadeira compaixão. Esta, em Deus Pai, não acusa diminuição ou carência do Ser, mas se realiza como “onipotência de amor”,<sup>80</sup> daquele amor *caritas-ágape* que o constitui essencialmente (cf. 1Jo 4,8).<sup>81</sup>

Como pondera a Comissão Teológica Internacional, trata-se de uma consideração do *pathos* divino comprometida com o Deus revelado em Jesus Cristo e definido como *amor* no Novo Testamento, não em sentido metafórico, mas real (cf. Lc 15,11-32; Jo 3,16; Ef 2,4-10; 1Jo 4,8.16). A Revelação mesma nos permite conceber (ou melhor, contemplar) um *pathos* próprio de Deus, livre e benéfico, inocente e compassivo, segundo a natureza *agápica* do Ser divino. Pois sendo essencialmente *caritas-ágape*, Deus Pai permanece “fiel ao seu amor para com o homem e para com o mundo”,<sup>82</sup> inalterável em seu Amor substancial, sem que esta imutabilidade ontológica signifique indiferença – o que negaria a auto-doação por amor, que em Deus se dá de modo perfeitíssimo.<sup>83</sup>

Enfim, todas essas ênfases, nos dois Papas, contribuem para uma hermenêutica da Revelação na ótica da *caritas* divina, e para uma consideração mais específica da pessoa do Pai, em vista de uma *theologia Patris* em diálogo com a Cristologia e a Pneumatologia.

## Referências

- COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL [CTI]. Teología-Cristología-Antropología (1986). In *Documentos*. Madrid: BAC, 1998, p. 243-264.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos, declarações. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- DENZINGER, H. *Enchiridion Symbolorum*: magistero della chiesa. 37ª ed. Bologna: EDB, 1995.

<sup>80</sup> DVi 33.

<sup>81</sup> Citação de 1João em DM 3.

<sup>82</sup> RH 9.

<sup>83</sup> Cf. CMI. Teología-Cristología-Antropología (1986). In *Documentos*. Madrid: BAC, 1998, p. 261-262.

<sup>75</sup> Cf. DM 1.

<sup>76</sup> Cf. EN 28 e DVi 11-14.

<sup>77</sup> PAOLO VI, 1975, p. 1233.

<sup>78</sup> Citação de João em ES 32 e RH 1.

<sup>79</sup> Cf. DVi 39.

- GEFFRÉ, C. Il Dio Uno dell'Islam e il monoteismo trinitario. In *Concilium* n. 1, 2001, Brescia, p. 116-126.
- HARRISON, N.V. Un approccio ortodosso al mistero della Trinità. In *Concilium* n. 1, 2001, Brescia, p. 79-89.
- JOÃO PAULO II. *Creio em Deus Pai todo-poderoso*: catequeses sobre o Credo. Lisboa: Edições Paulistas, 1988. Coletânea com todas as Catequeses sobre o Credo [CC].
- JOÃO PAULO II. Deus, Pai todo-poderoso (18.09.1985). In JOÃO PAULO II. *Creio em Deus Pai todo-poderoso*: catequeses sobre o Credo [CC]. Lisboa: Edições Paulistas, 1988.
- JOÃO PAULO II. *Encíclicas de João Paulo II*. São Paulo: Paulinas, 1997. Coletânea inclui todas as encíclicas de João Paulo II citados neste artigo.
- KASPER, W. *Il Dio di Gesù Cristo*. Brescia: Queriniana, 1997.
- KREINER, A. *Dio nel dolore*. Brescia: Queriniana, 2000.
- LADARIA, L. F. *El Dios vivo y verdadero*. Salamanca: Ed. Secretariado Trinitario, 1998.
- PAOLO VI. Radiomessaggio per la Giornata Missionaria. In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. IV. Roma: TPV, 1966, p. 481.
- PAOLO VI. Gli insegnamenti del ciclo liturgico. In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. V. Roma: TPV, 1967, p. 684-686.
- PAOLO VI. Come raggiungere in Dio il suo disegno di vita. In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. V. Roma: TPV, 1967, p. 963-964.
- PAOLO VI. Messaggio per la quarta Giornata Mondiale della Pace. In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. VIII. Roma: TPV, 1970, p. 1427-1432.
- PAOLO VI. Il natale di Gesù, rivelazione della paternità di Dio. In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. XII. Roma: TPV, 1974, p. 12-14.
- PAOLO VI. Ricerca amorosa di Dio: questione capitale per l'esito dell'Anno Santo. Allocuzione dell'udienza generale (5.11.1975). In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. XIII. Roma: TPV, 1975, p. 1231-1233.
- PAOLO VI: La rivelazione dell'amore di Dio, cardine portante della nostra concezione religiosa. In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. XIII, 1975, p. 890-891.

- PAOLO VI. La preghiera del Signore: nostra forza, nostra fiducia, nostra speranza. In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. XIV. Roma: TPV, 1976, p. 509-511.
- PAOLO VI. Amare il mondo come c'insegna il Vangelo. In *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. XV. Roma: TPV, 1977, p. 160-162.
- PAOLO VI. *Ecclesiam suam*. Petrópolis: Vozes, 1965.
- PAOLO VI. *Evangelii nuntiandi*. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 1979.
- PFAMMATTER, J. Propiedades y formas de actuación de Dios en el NT. In FEINER, J.; LÖHRER, M. *Mysterium salutis II*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1977, p. 233-248.
- TOMMASO D'AQUINO. *Summa theologiae* I. Roma: Paoline, 1962.

Recebido em 26/05/2016

Aprovado em: 29/08/2016